

RESPOSTA A: DR. JORGE JULCA, “CRISTO COMO PARADIGMA DE MISSÃO” E AO  
DR. GIFT MTUKWA, “A MISSÃO CRUCIFORME DE PAULO EM TESSALÔNICA”  
Marco A. Velasco Sosa

O tema desta Conferência Teológica é “Cristologia-Conhecer a Cristo” (Filipenses 3:10). Estou respondendo ao Dr. Jorge Julca com seu tema “Cristo como Paradigma de missão: Reflexões desde a América Latina” e ao Dr. Gift Mtukwa com seu tema: “A Missão Cruciforme de Paulo em Tessalônica: O Perfil do Ministério de Encarnação”.

Agradeço muito o contributo que nossos irmãos fizeram à Conferência Global de Teologia em um esforço para construir uma reflexão teológica relevante para seus próprios contextos em uma questão crucial para o presente e o futuro da nossa igreja.

Em primeiro lugar, tomarei o artigo do Dr. Julca sobre "Cristo como um paradigma de missão: reflexões da América Latina". Julca apresenta-nos três eixos teológicos, como ele próprio os chama. O primeiro eixo é o "Encarnacional", o segundo eixo é a "Crucificação e Morte de Jesus" e o terceiro eixo é a "Ressurreição". Essas três questões são e têm sido o núcleo da fé cristã. A proposta do Dr. Julca é chegar a uma compreensão destes como um paradigma de missão.

O primeiro eixo, o Encarnacional, ele o define como “uma realidade histórica que marcou um modelo de missão que devemos imitar”. Dr. Julca cita João 3:16 para apontar que “Deus enviou seu Filho unigênito” (João 3:16). Mas, além disso, o mesmo evangelho menciona em 1:14, que a Palavra que “estava com Deus e era Deus” (1.1b), “se fez carne e habitou entre nós”.

Segundo o Dr. Julca, um dos aspetos mais salientes do modelo Encarnacional é que o Senhor “esteve focado nos mais vulneráveis da sua geração...”. Alcance e conteúdo da missão estão envoltos na dimensão encarnacional de Jesus. Seu dignificado é que seu alcance é

universal, penetrando em todas as dimensões da vida humana e a nível de seu conteúdo é uma mensagem de esperança e justiça.

Finaliza o Dr. Julca com estas palavras: “Esta mensagem transformadora do Cristo Encarnado põe em evidência que o propósito de Deus é criar sob esta nova humanidade em Jesus Cristo e no poder do Espírito, uma comunidade que encarna os valores do Reino e dá testemunho ao mundo.”.

O eixo encarnacional considero que se trata também de um impulso missional e uma colocação em práxis da missão de Deus. E pode funcionar como um corretivo evangelístico, evitando que o evangelismo ocorra apenas no solo da dimensão atracional. A dimensão encarnacional é um movimento para fora.

Segundo eixo: A crucificação e morte de Jesus e o sacrifício como evidência suprema do amor. Tratamos aqui com o coração do evangelho: “A cruz é o ponto central e culminante da fé no Novo Testamento”. Sob esta consideração, Dr. Julca faz uma pergunta que temos de considerar fundamental: Qual é o lugar da cruz em nossos modelos de missão contemporânea?

A teologia paulina da cruz na 2ª Carta aos Coríntios tem um fio condutor muito fino sobre a teologia da missão de Paulo que é uma teologia da cruz vs. Teologia da glória no contexto da missão. Na 1ª Carta aos Coríntios Paulo já havia feito uma declaração contundente: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. (1 Cor. 2:2, ARA). Porém é na 2ª carta que ele desenvolve assuntos fundamentais de sua teologia da cruz. Considero que em 2º Coríntios temos um modelo paulino sobre o lugar da cruz no ministério que nos serve em nossos modelos de missão contemporânea.

A cruz no ministério paulino ocupa um lugar medular. Paulo maneja sua teologia da cruz para compreendê-la no contexto da missão cristã na igreja. Os sinais de um apóstolo como refere

Paulo estão intimamente relacionados à cruz. Os “sinais” como os chama Paulo um tanto ironicamente não estão relacionados a milagres ou expressões espetaculares de nenhum tipo pelo contrário estão relacionados com o desejo de gastar-se para a igreja e o Senhor da igreja (2 Cor. 12: 15). Sua lista dos sinais são um contraste absoluto dos valores do ministério de seus oponentes (2 Coríntios 11:16-33). Paulo se gloria no que é sua debilidade (2 Cor. 12:5-10). “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.” (2Cor 12:10).

O terceiro eixo é a Ressurreição de Jesus: a esperança em Cristo frente à desesperança do mundo. Como diz Dr. Julca: “um modelo de missão fundamentado em Jesus necessita estar focado no Senhorio de um Cristo triunfante...”.

Dr. Julca assume que a afirmação do Senhorio de Cristo na Grande Comissão pode expressar-se como “Todo poder de Jesus sobre a terra e céu”. Assim, que a igreja pode realizar sua missão com a certeza do Senhorio de Jesus, pois a declaração de “Jesus é Senhor” estava arraigada nesta realidade. Efetivamente não podemos sair amedrontados a realizar nossa missão ao mundo, senão confiados nAquele que venceu e a quem foi dado todo o poder.

Como minha resposta e contribuição para o que foi exposto pelo Dr. Julca acima. Gustav Aulen deu um importante contributo para o significado da cruz que nos lembra que na cruz como Paulo entende, há um Cristo vitorioso no meio da mais terrível luta de seu ministério. Isso também significa que a cruz também está ligada ao tema da vitória de Cristo sobre os poderes do mal como na ressurreição (Colossenses 2:15).

A morte de Jesus na cruz, Seu sacrifício não é o prelúdio de uma vitória que ainda não aconteceu, mas já é um passo decisivo da vitória que será consumada na ressurreição. Nesse

sentido, a citação de Stam parece correta: “sua morte não foi uma tragédia, foi o caminho da vitória para entrar na glória”.

A cruz continua a refletir um Cristo que, apesar de crucificado, ganhou e venceu, e, em sua ressurreição, esta realidade tem-se confirmado e consumado.

Escrita do Dr. Mtukwa, intitulada “A Missão Cruciforme de Paulo em Salónica: O Perfil do Missionário Encarnacional”. É um estudo teológico exegético de 1 Tessalonicenses 2: 1-12. Onde investiga “o trabalho crítico de Paulo, que é esclarecer, 'a tarefa missionária, sua motivação e método”.

Mtukwa faz uma conexão das palavras de Jesus em João que diz: “Como o Pai me enviou ...” (João 20:21), com o termo usado por Paulo “enviado” (apestalken) em tempo perfeito. Então, o momento perfeito, diz Mtukwa, nos ensina que Jesus começa a missão, e da mesma forma que continuamos - não começamos - a missão, que é sua missão, a missio Dei.

Dr. Mtukwa divide seu trabalho nas seguintes partes: o caráter do missionário, a natureza da missão (métodos), a conduta dos mensageiros, o objetivo do ministério e as implicações para missões cruciformes.

Em cada seção tiram-se das considerações exegético-teológicas do texto fundamentado especialmente em um estudo de termos que lançam luz sobre a *Missão cruciforme* na missão paulina.

Seu trabalho cuidadoso é um bom exemplo de como o texto bíblico funciona como fonte de nossa teologia da missão em chave cruciforme.

Algumas implicações que retomo e tiro de seu estudo da passagem são as seguintes:

1. A missão de Paulo em Tessalônica foi uma encarnação da missão cruciforme.

2. Os métodos que se usam neste ministério devem ser consistentes com o evangelho pregado.
3. Atuar como servos mais que como mestres.
4. Os que pregam a Cristo não devem impor-se autoritariamente, senão comportar-se como filhos que não têm qualquer demanda a fazer.
5. O Evangelho não pode ser diferente em natureza e métodos daquele que o enviou.
6. A missão está definida pelo Cristo crucificado.

O caráter, método, meta e conduta dos missionários devem encarnar a cruciformidade do evangelho como o fez o trabalho missionário de Paulo entre os tessalonicenses. Aqueles que estão em busca de mobilidade ascendente - nas esferas eclesiásticas - não têm participação neste ministério.

### *Conclusões*

Tanto o estudo de Julca quanto o de Mtukwa lançam luz sobre temas comuns e se complementam. Necessitamos tanto a reflexão teológica quanto a reflexão exegética bíblica.

Ambos os escritos ressaltam, em minha opinião, aspetos centrais da missão à luz da revelação de Jesus Cristo. Em um caso a centralidade de Cristo como paradigma de missão que nos mostra a dimensão encarnacional, sua crucificação e ressurreição. Cada elemento em separado, mas em uma dinâmica que nos permite ver o todo.

No outro caso, aponta-se a conexão inseparável entre a mensagem e os mensageiros, sua natureza, caráter, seus fins e métodos da missão.